JORGE ELIAS NETO

OS OSSOS DA BALEIA

Já em meu *Sobre 50 Livros de autores brasileiros, contemporâneos*, que eu gostaria de ter assinado – editora Ideia, 2012, dei destaque ao poeta Jorge Elias Neto, bem como a seu *Os Ossos da Baleia*. Quando me convida, agora, a preencher este espaço de apresentação – ele, de repente maior, novo imortal da Academia de Letras do Espírito Santo – releio este seu livro e, ausente o impacto da descoberta, novo impacto: descubro-o mais profundo, melhor observador da poesia e do mundo.

Veja sua poética nesta estrofe:

Raspar as sobras
da imagem – nata,
gordura – o escorregadio da
margem. O liso da
casca.
A paisagem.
Da palavra – o inesperado;
a calda – rasgos e fendas.
Na vastidão – passagem.

Releia devagar, comigo: Raspar as sobras da imagem – nata, gordura – o escorregadio da margem. O que ele quer? O liso da casca. Vá em frente: A paisagem. Mais fundo: Da palavra – o inesperado; a calda – rasgos e fendas.

Não por acaso o homem é cardiologista. Porque haja coração!

Claro que – mais que o Espírito Santo – o país ganha um grande poeta!

WJ Solha – É escritor, poeta, cordelista, artista plástico e ator.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 1 03/12/2013 16:40:45

Governo do Estado do Espírito Santo

Governador
José Renato Casagrande

Vice-Governador
Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura
Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura
Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural
Christiane Wigneron Gimenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas
Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente
Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo
Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos
Ivete Paganini

Coordenador de Projetos
Danilo Pacheco

Jornalista
Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos
Lívia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos
Patrícia Soares

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 2 03/12/2013 16:40:45

Jorge Elias Neto

Os Ossos da Baleia

Ilha de Vitória, 2011

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 3 03/12/2013 16:40:45

© Secretaria de Estado da Cultura, 2013
Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Márcia Selvátice Tourinho

REVISÃO
Cláudia Barros Feitosa

REVISÃO FINAL
José Augusto Carvalho

ORGANIZAÇÃO
Gustavo Felicíssimo

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Comunica.com
Natália Zandomingo

CAPA
Lorena Elias

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Felipe Stefani

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica JEP

TIRAGEM
1.000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Espírito Santo)

E 42o Elias Neto, Jorge.

Os Ossos da baleia / Jorge Elias Neto. — Vitória: Secult-ES, 2013.

200p.
ISBN: 978-85-64423-23-7

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira — poesia. I. Título.

CDD: B869.1

Palavra do Governador

A Democratização do Livro e do Saber

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se – no campo cultural – uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entre os autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R$ 3,2 milhões, foram elevados para R$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.

Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

Renato Casagrande

Governador do Espírito Santo

Palavra do Secretário

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura , exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promoção da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios conteúdos e

formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

Maurício Silva

Secretário de Estado da Cultura

Os Ossos da Baleia

Oscar Gama Filho

Os Ossos da Baleia, certamente "poemas fósseis" da imortal Moby Dick, referem-se à passagem para a insignificância do poeta, antes um grande cachalote branco luminoso que no passado derrotou o mal, encarnado pelos Ahabs da vida. Essa baleia, matéria-prima de lendas, perdeu as carnes na sua escolha pela loucura da verdade e pela morte da feiura. Mas cumpriu a maior missão de um ser, que é fazer-se literatura, tornar-se literatura. Manteve a memória da guerra na alma esculpida em seu esqueleto, que, visto de longe, se parece com estrofes de versos ricamente melódicos e ritmados tendo ao fundo belíssimas metáforas e imagens.

Seus ossos, contudo, passaram a fazer milagres, pois registram as batalhas enfrentadas pela descomunal baleia que um dia desejara apenas acompanhar o navio, embelezando a sua viagem com seus saltos e malabarismos poéticos. Mas quando, sob a forma de um leitor, o vento sul bate, tira deles uma canção desiludida, amarga e pacífica, capaz de curas tão absolutas quanto as de relíquias de santos.

Sua terra é "a ilusão da linguagem", e o sonho é "matriz da realidade". O poeta enxerga o que há por meio da lente das palavras e monta visões diferentes do mundo que emanam da contradição delas.

Pois todo ser é contraditório se é humano. Se o sonho se torna melhor que viver, só o autismo, distanciando-o da realidade, lhe permite uma vida provisória até surgir a liberdade por que anseia, possibilitando que um dia ele se chame ninguém: — "finalmente me chamarei ninguém" é o grito da pulsão de morte (Tánatos), que poucos ousam proferir, pois é um tabu social, ainda que exista em todos nós.

Jorge busca o que sabe ser um amor impossível, ainda que não o seja exatamente só o que se devota à mulher amada. Ao amor tornado impossível pela morte que destrói em suas idas e vindas, como um bumerangue ("olhar de bumerangue"), ao desejo de vida (Eros) e de morte (Tánatos), ambos normais — a esse amor resta apenas a verdade da beleza, em que o poeta nasce, ao despertar seu espírito (*Os Ossos da Baleia*, VII) em raios de luz que brilham incomodando as pessoas. Até que elas se calam quando a luz se apaga após seu nascimento ("toda a luz se esfacelou", VIII).

Sua "chegada do Verbo" remete a São João: "o Verbo se fez carne e habitou entre nós". O verbo é a palavra que denota ação. O adjetivo, a cor. O substantivo, a forma. O poeta falou, mas a sabedoria de Deus é loucura aos ouvidos dos homens, e seu grito foi rechaçado. É que a civilização se funda na repressão, não na livre expressão. Contudo a repressão, necessária para o convívio e o crescimento social, é a morte da palavra, enquanto Verbo primordial genético, é a morte de Deus, é o começo do suicídio da alegria de viver.

Parece que o corpo do poeta é a mente do ciborgue social a que ele foi condenado a ser, um morto vivo, um zumbi poeta que vaga ansiando pelo "não estar": esse não estar é o limbo, nem morto, nem

vivo. Por pouco que seja, o não estar é o último vestígio de seu ser poético, a que ele se prende, como redenção do mundo e recordação de sua essência. E nem esteve nele, que todavia o tem mais do que aquilo que sempre foi: — apesar de conferir maior valor ao não estar do que estar onde, de fato, se encontra. Mas — em um brilhante oxímoro barroco — é a partir do não estar que tenta reconstruir sua alma destruída, tal qual um paleontólogo reconstitui o dinossauro extinto derivando-o de um osso — situado em outra dimensão. Só um grande poeta como Jorge Elias é capaz de fazer esse milagre.

Assim, sua obra se filia à ideia pós-moderna do poeta como um ser especial, anjo de luz que nasce para ser desprezado e padece do mal do século, de que só pode ser libertado pela morte, por um amor impossível ou pela própria ressurreição.

Mas, de novo, lembremos que nem sempre foi assim. Um dia (VII), quando seu espírito despertou, ele brilhou tanto que a ausência de luz das casas tornou mais evidente a sua aparição e por isso as pessoas o desprezaram, desviando o olhar do iluminismo e fugindo para o negror medieval da indiferença, do sexo, do individualismo e do egoísmo.

Lembremos que o olhar sem temor do poeta fez calar as pessoas que fizeram objeções à sua inusitada presença.

Lembremos que *Os Ossos da Baleia* fazem milagres e que sua canção catártica guarda a luz purgadora que faz nascer os sonhos, a esperança, o amor, a beleza e a cura.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 12 03/12/2013 16:40:45

Sumário

Diálogo das sombras , 19
Politeísmo, 21
Despedida, 23
Imensidão!, 25
Palimpsestos, 27
O poema acima de mim, 29
Portal dos anjos, 31
Ao poema, 33
Uma carteira e seus sentidos, 35
Caligrafia do bruto, 39
Poema justo, 43
Borgiana I, 47
Borgiana II, 49
Nuage, 53
Poema, 55
Entranhas, 57
Rebelde, 59
Dialética do desenlace, 61
Rosa dos ventos, 63
Na paisagem doméstica, 65

Sua sombra que passa, 67
O limite da razão, 69
Íntimo, 71
Das sombras, 73
Penhor, 75
Fórceps, 77
Massa, 79
Consciência, 81
Consciência — uma réplica, 83
Encosta do Mundo, 85
Luz e Sombra, 87
Um facho de luz sobre a sombra, 89
Peixe Morto, 91
Discurso para o cadáver, 93
70 metros, 97
Pompei, 101
Maria, 105

Os ossos da baleia, 109
Balada do imortal, 111
Pequena análise que vale para todo o livro — Ivo Barroso, 165

Aos amigos:

José Augusto Carvalho
Vicente Nolasco
Alberto Murta
Jô Drumond
e Miguel Marvilla (in memoriam)

Para Fabiana,
sempre.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 15 03/12/2013 16:40:45

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 16 03/12/2013 16:40:45

Cada qual tem seu Vesúvio,

seu desterro,

e uma gleba nas nuvens...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 17 03/12/2013 16:40:45

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 18 03/12/2013 16:40:45

Diálogo das sombras

Todo escritor, todo criador é uma sombra.

Gilles Deleuze

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 20 03/12/2013 16:40:45

Politeísmo

Costumam rir dos meus Deuses

Antes que o Céu
se incumbisse
do sumiço das estrelas
o menino desenhou
um Sol para cada País.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 22 03/12/2013 16:40:45

Despedida

Existe uma impossibilidade
nas flores que brotam
na boca da menina adormecida.

Mas a menina apenas dorme
com a ilusão do beijo
brotando entre os dentes.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 24 03/12/2013 16:40:45

Imensidão!

O cavalo branco,
já sem asas,
trota
com desandada fúria
sobre o cobertor de asfalto.

No piso molhado
ainda desliza o azul
das primeiras águas
da tempestade.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 26 03/12/2013 16:40:45

Palimpsestos

Quando busco
vozes perdidas no exílio
e rumorejo versos
pretensiosos,
ressuscito mortos.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 28 03/12/2013 16:40:45

O poema acima de mim

Se disser tudo,
me restará a última mentira.

Mas, rente ao chão,
toda mentira resvala na inutilidade.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 30 03/12/2013 16:40:45

Portal dos anjos

Anjos, dou-lhes de presente
a minha sanidade.
Sei o que me custará
rolar a cabeça no acaso ...

Anjos de poeta não implodem,
esvaem-se da cabeceira
da cama do menino,
retornam para a dimensão do sonho
que se teve
e se dispersou com a razão.

Retribuo com o poema a vigília
e peço que devolvam a Paulo
o Patibulum e a culpa.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 32 03/12/2013 16:40:45

Ao poema

Ao "homem absurdo"

Albert Camus

Parte-se do esquecimento.
Caminha-se para o esquecimento.
Disso dou testemunho.

Tamanha consciência da morte vindoura
nomeia encantamentos
em cada trecho de aurora.

E, se, em algum momento,
falta ao punho o sustento,
recolho-me ao verso que apoia.

Eis a dura lida que ao poeta condena.
Mas apesar do tormento da finitude certa,
tem no poema — pulsão de vida — rumo ao esquecimento.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 34 03/12/2013 16:40:45

Uma carteira e seus sentidos

às crianças de Realengo

Observe essa carteira vazia
— ociosa —
desocupada.
Entre na dimensão do absurdo
— no que se contorce —
e resvala,
e desperta,
e nos cala.

Observe essa carteira vazia
— ruidosa —
maculada.
Ventre da omissão confusa
— que nos paralisa —
e enoja,
e perpassa ,

e retalha.

Observe essa carteira vazia

— poderosa —

enfeitada.

Lembre-se da profusão do sangue

— que se dispersa

e tinge,

e respinga,

e nos entala.

Observe essa carteira vazia

— fervorosa —

devotada.

Sinta a celebração da loucura

— que consente e trucida,

e cega,

e nos abala.

Observe essa carteira vazia

— tenebrosa —

malfadada.
Sinta a emanação do ódio
— que se alastra
e devora,
e abraça,
e nos trespassa.

Observe essa carteira vazia
— silenciosa —
abandonada.
Crente na devassidão do mundo
— que surpreende
e ignora,
e reproduz,
e nos arrasa.

Observe essa carteira vazia
— deliciosa —
delicada.
Prenhe de ilusão confusa

— que consente
e insinua,
e seduz,
e nos agarra.

Observe essa carteira vazia
— espaçosa —
desejada.
Ciente na criação do sonho
— que compreende
e ama,
e perdoa,
e nos concede a graça.

Caligrafia do bruto

Para Sakineh Mohammadi-Ashtia

Quem estiver sem pecados que atire a primeira pedra!

João:8:7

Pedra atirada.
No ar
uma réstia
da caligrafia do bruto.

Apedreja-se com força.
Quem sabe assim
desencarnam as frustrações!...

Reconheço o homem na pedra.
Cada uma traz seu nome.
A figura de um deus incompleto

invalida a palavra: Humanidade.
Mas aqui
corrompe-se a alma,
deforma-se o molde.

A estranheza de lapidar o corpo.
A ironia de deformar o nome
do delicado gesto do artesão.

Garganta seca de súplicas.
Olhos vazados por lascas.
O ventre fendido
já não tem fome de amor.

Despedaçado,
jaz o corpo da criatura,
jaz a beleza.
Sob o lençol maculado
pelo sangue dos opressores,
desfeito,
o arco dos lábios.

A face desfigurada
é impura.
Já não se presta a prazeres
a carne macerada.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 42 03/12/2013 16:40:46

Poema justo

Para Reinaldo Santos Neves

Não fechar a frase, não.
Deixar a palavra ao relento.
Miguel Marvilla

Raspar as sobras
da imagem — nata,
gordura —
o escorregadio da margem.
O liso da casca.
A paisagem.
Da palavra — o inesperado;
a calda — rasgos e fendas.
Na vastidão — passagem.

Rever emendas.
Acumular entulhos —
vazios.

Cobrir de aragem.
Recolher do baixio
memórias
aboios
arrelias.

Desviar das têmporas
o estampido —
tiro —
peleja de louco.

Repousar no estio.
Aconchego — relento.
Remover farpas —
asperezas — ao vento.

Lambuzar com visgo —
isca — voragem.
Revolver o leitor
no espaço-tempo.

Disparar a contagem.

No continente dos olhos

despertar do torpor...

A linguagem.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 46 03/12/2013 16:40:46

Borgiana I

Atiro os cacos
do espelho partido.
Busco-os no chão,
onde as imagens se dispersaram.

Com o que resta na moldura,
brinco de cortar os dedos
encaixando respostas
no rosto trincado.

E, se, no entanto, a figura
se assemelha ao medo,
remisturo todo
o ser desfigurado.

Pois a faina louca
de remexer segredos
fez-me encontrar as sombras
dos dias passados.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 48 03/12/2013 16:40:46

Borgiana II

Repousa o veludo da pele,
tigre selvagem,
nessa distante gleba
à qual chegaste
por caminhos incertos.

Lembranças grisalhas,
velho tigre ...
Compartilho teus dentes
nada castos...

Restou-nos o passado...
E suas páginas
de bordas marcadas.
Sempre reviradas,
velho tigre,

para não esquecer os outros dias.

(O que nos resta quando o orvalho
se perde no esquecimento?)

Nas catedrais, teu ouro roubado.
Depois raspado dos pilares
para cobrir os dentes.
Como se sorrir dourado
os fizesse arremedo de gente...

(Quanto de tua mordedura
permeia nossos sonhos?)

Não se traduz o mistério
de tuas escápulas,
nem a névoa em teus olhos...
Quem sabe a milonga nos taquarais
ou tuas listras obliquas
resistam ao imprevisível fim.

Tardam as horas ...

Cada expectativa tem teu cheiro

e se esforça para caber no poema.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 52 03/12/2013 16:40:46

Nuage

Jamais percebi o tamanho
de tua sombra.
Mas, em certos dias,
como hoje,
ela preenche
a imensidão
do horizonte.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 54 03/12/2013 16:40:46

Poema

Nada saberei dizer
de tuas agruras.
A fenda obscura
de teu beijo cala;
é ironia pura.
Disfarça a dura
pele que trazes
a sustentar
a boca fechada,
cariada de desejos.

Lembrarei apenas
a distraída forma
contornando
certa manhã
meus desencontros.

Percorreu-me,
afoita, a alma,
e num enlace torto
desvendou
meus medos.

Entranhas

A mínima distância
já é um desencontro.

(Vestia seu corpo
com as rendas da íris...)

Restam noites de dilatadas pupilas
a vasculhar indícios do derradeiro gozo.

No horizonte dos lençóis,
a sombra da silhueta persiste.

Como persistem os miasmas
    dos pés enlaçados.

Só miragem na depressão do leito
e um entorno de sombras devassas.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 58 03/12/2013 16:40:46

Rebelde

Tardes perdidas existem
para que me negue
aos teus caprichos.

Nelas, renuncio a tudo:
do alfabeto
aos sons
impregnados de incertezas.
O silêncio — pago adiantado.
Perdão é presságio de erro.
E o medo da solidão —
um desperdício.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 60 03/12/2013 16:40:46

Dialética do desenlace

Para Flávio Viegas Amoreira

Estamos sós.
E a tristeza que invade
os espaços íntimos
não permite sobriedade.

Desfazem-se os gestos
para evitar a tortura
de sentir-se interpretado.

Quando se calar
é um virar de costas...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 62 03/12/2013 16:40:46

Rosa dos ventos

O segredo do meu casamento
é um prego cravado
fora da porta de casa.
Penduro ali
meus sentimentos provisórios.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 64 03/12/2013 16:40:46

Na paisagem doméstica

E se dissesse: fica ...

Varreríamos de vez
nossas obscenidades
ou deixaríamos estendido
sobre o chão de casa
esse falso tapete de culpas?

Vê essas garrafas enfileiradas?
Os silêncios
que rasguei das paredes
colei nos gargalos
em que me perdi.
Na profundeza úmida,
resta, olvidado, seu nome.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 66 03/12/2013 16:40:46

Sua sombra que passa

O tempo, meu amor,
sempre se dilata
e marca nossa face.

O rio se adianta
em desandada
pressa,
e sua sombra,
esguia e distante,
é mais inquieta
que as águas.
Nas horas tardias
sua sombra
        permanece.
Mas tomba
o Sol,
e resta apenas a palidez
de seu espanto.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 68 03/12/2013 16:40:46

O limite da razão

Os búzios
já não despejam ondas
e eu me despeço.

De resto,
somente uma
        suposição:

a questão passará a ser simples
quando dissermos: talvez...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 70 03/12/2013 16:40:46

Íntimo

Ondas guardadas
não devolvem o gosto de sal
aos lábios despidos
de lembranças.

Deixados sós
os lábios
não se desviam do destino.
Mas o súbito tranco
da cancela dos dentes
intimida o deslizar da língua.

Hóstias — estrelas
no firmamento
da boca —
aprisionaram o desejo.

O corpo se abre
e se fecha
a partir da boca.

Os lábios escancaram
um vermelho escandaloso;
e se cala.

Das sombras

A sombra subsiste
no oco
do tronco posto
à beira do medo.
Risonha e cínica,
desafia as mãos
a penetrar-lhe a boca,
intestinos — segredos.

(Uma voz rouca
chama do silêncio.)

E, mais tarde, então,
ouvindo o eco do nada,
a matéria frouxa
caberá perfeita

em suas entranhas.
Deixará para sempre
o vazio das formas,
enveredando nas sombras,
sem pavor, sem volta.
Sem amor, sem pressa,
— sem desejo.

Penhor

Ao meu pai,

Dezessete anos...
Essa distância
não se mede pelo quanto de terra
que cobre teus restos,
teus sonhos...

Tua sombra não tem o gosto
que meu paladar deseja.
Não lambi o granito preto
de teu túmulo,
mas sinto o gosto de cera,
que não me satisfaz — pois não
é teu gosto.
Por isso não te visito.
Meus filhos não te visitam.
Se eu morresse hoje

e decidisse pelas cinzas,
ficarias perdido na última
alameda, à esquerda da figueira.

Nem teu relógio de ouro me serve.
Fosse de couro a pulseira,
eu a lamberia
e ficaria refestelado
com o sal de teu suor.

Fórceps

De onde chega
traz como souvenir
ambiguidades.

Na vagina da mãe
a rasura do ser contorcido.
Não se desprendeu
jamais da incerteza
de ter valido a pena.

Envelhecido,
quebrou costelas — destroços —,
pariu a matriarca perdida ...
E enfim se chega
o determinado instante
em que os dois se olham...

Sabem-se diante
do que lhes cabe
como definitivo.
É quando o silêncio
resvala na hipocrisia.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 78 03/12/2013 16:40:46

Massa

Para Felipe Stefani

Para uns,
ruínas — degredo.
Para outros,
planície Divina,
colinas de nuvens.
Banido pela consciência,
permaneço — altivo.
Massa amorfa
entre os dejetos
do Universo.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 80 03/12/2013 16:40:46

Consciência

Ser a perdição —
lisa — despudorada.

Ter a utilidade
da farpa da aroeira —
curar o esquecimento.

O retorcido
cipó da ansiedade —
com a cabeça
hasteada a meio-pau.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 82 03/12/2013 16:40:46

Consciência — uma réplica

Certa vez
fui sabatinado
pela consciência.
Tomei um zero
no meio da cara.

Por isso rodopio.
Quero
    me desprender
da ferrugem.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 84 03/12/2013 16:40:47

Encosta do Mundo

Para Hilton Valeriano

Na encosta do mundo
um acaso de pedras
precipita-se
sobre um mar inaudito.

Nela, as ondas batem
desfazendo precipícios.

Existisse o homem ali,
retornaria aos mitos
ou se lançaria ao mar.

Mas findaram-se
os séculos das navegações,
e pereceram,
à força do fogo de canhões,
as últimas cidadelas.

Na encosta do mundo
o que se perde
não se conta como tempo.

A encosta do mundo
se preserva em uma dimensão
refutada pelo homem.

Luz e sombra

Hoje sei que também
a sombra se recolhe.
Resfria o solo
para o corpo que tomba
no interminável instante
do anônimo suspiro.
O baque expande
as possibilidades da sombra.
Que se debate,
e rompe, deparando,
num deslumbramento, com o Sol.
O paradoxo da despedida.
Parte se dispersa.
Parte se integra aos mortos.
A sombra debruçada
na mansarda eterna.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 88 03/12/2013 16:40:47

Um facho de luz sobre a sombra

O que se dispersa além dos olhos
diz do vacilo de não se ter sorvido o tempo.

Estarei na última idade.
Quando ruir a biblioteca
não restará mais nada.
Sem nenhum escrúpulo
estarei a mijar nas calças
todas as cervejas
que pensei esquecidas.
Aprenderei que não só a memória
mas também a bexiga dos velhos
despejam seus guardados...
E, como ancião,
terei em meus ouvidos
um ruído agudo
a dizer da morte ...
(Esse crepúsculo atravessado na garganta.)

Mas minha memória recente,
sempre desatenta,
privilegiará as flautas de antanho,
olvidando a impertinência
dos últimos segundos.
Saberei que retive com primor
uma certa dignidade burguesa,
execrada nos versos.
Em minha face retalhada
será definitivo
o rendado da ironia.
Recearei de alguns saberes, sem dúvida.
Mas um cristão tardio
espero não ser.
Lembrar: não fechar o ciclo
previsível de tantos homens.
Não me permitir,
ao menos, essa contradição.

Peixe morto

Rijo

Seco

Peixe morto

Ondas...

A sonoridade do estrondo

desmente o silêncio dos olhos.

Peixe morto

Barbatanas de pau

emaranhadas no sargaço

O que resta

compõe a realidade.

Desfeito o furta-cor dos átomos

que comungavam o mar

em tuas escamas.

Obscuro

Não ser

Peixe morto

Discurso para o cadáver

Teus olhos
não mentem
essa simplicidade
em dizer:
tão breve, a vida —
enquanto saturamos
o ar com subterfúgios
e preces.

Do exato
ponto
que se parte
— se esquece —
o espectro
da carne
— do irremediável.

Da carne
à cinza,
do torrão de
terra
ao desprezível
mármore
— questão alheia —
(prevalecerá a vontade
do Universo.)

Que os vivos
tratem da espessura
das trevas.
A você, o privilégio
da dimensão
onde se plantam flores.

Agradeço
a sinceridade
azul

em teus dedos
ao lançar os dados
que julgarão
os versos
impossíveis.

E o que disse
da memória ...
A memória sem lar,
desnecessária,
posto ser a ausência
cúmplice.

Se pudesse
te acenderia um cigarro...
Deixaria a guimba
pendurada
em teus lábios.

(Como é bela e

inútil

a última centelha...)

Logo

chegarão.

(A boca aberta da cidade

despeja

suas crias.)

Vestirei a máscara

e restarei

um momento — breve —

(o tempo de observar a indecisão

das chamas perante o choro

humano.)

70 metros *

Na perspectiva da ponte
O pássaro solitário não volta.

Bom sentar aqui...

Gera um desvio do olhar,

um torcicolo súbito

diante da emanação do absurdo.

Ver do alto a evolução das águas:

sem o murmúrio

do bocejo das ondas,

sem o grito ruidoso do rasgar do mar.

Imagino os que trafegam às minhas costas ...

Nas gaiolas de metal,

guardam as intenções dos gestos.

Que assim fiquem — distantes!

Cada despedida vale pela nudez dos corpos;

o íntimo dos olhos.

E o momento não pede tal intimidade...
(A Penha ergue-se sobre todas as coisas...)
Minha mãe guardou meus cachos de anjo,
cortados, abençoados...
Mas os anjos são lívidos
demais para serem humanos...

(A eternidade é uma metáfora que já não me ilude.)

Lá embaixo,
no Oceano de pedra,
reside o fim da angustia essencial,
desmantela-se a Lei suprema.

(Que homem ruidoso medrou minha carne?)

Sou a coisa dispersa.
A busca do indefinido.
Muito me interessam os fósseis,
extensos campos de poemas fósseis,

desimpregnados de nomes...

As palavras curtas;

o anzol justo na boca da morte.

Nesse beiral, ancoram-se cruzes,

destroem-se firmamentos.

Sacia-se a fome de ossos

dos Oceanos.

Uma grande composição nua de gestos.

Eis a porção relativa da insignificância humana.

Mas, por ora,

enxugue as lágrimas, leitor.

Não se trata da vida do poeta.

Por mais que insista

a vida é mais irônica

ainda que as palavras.

**70 metros é a altitude do vão central da Terceira Ponte que liga a cidade de Vitória a Vila Velha.*

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 100 03/12/2013 16:40:47

Pompei *

Revisito o silêncio das trevas.
Sonhos adormecidos,
desfeitos por gestos
que precedem a consciência.
Sigo nos séculos,
interrompido no ventre da mãe.
Restos calcinados,
entrecortados pelo espanto.
O céu sabe das cinzas.
Sempre soube...
E aproveitou-se da inocência
dos que não me conheceram
para dizer que me negaram a existência,
ao renegar o Deus, o Cristo.
O Céu, criação humana, é ilusório.
Não este céu furioso,

de fuligem e chamas;
este é terreno, pragmático,
irrespirável,
eficiente em devolver à Terra
suas entranhas.
Não este céu preciso,
entornando água,
moldando,
fazendo onipresente
o ventre que me gerou.
Estou onde não existo.
Persisto.
Desafio o intransponível tempo
nesse ventre vazio
que seu olhar disperso fita.
Parto contigo.
Em sua memória o calor
da sombra que não fui.
Assim o caos, serenamente,
retingirá de verde o olhar baço.

Estou além do pretenso molde
que permaneceu
guardado pela redoma de vidro.*

** Nas ruínas de Pompeia, encontra-se exposto o corpo calcinado de uma gestante protegido em uma redoma de vidro*

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 104 03/12/2013 16:40:47

Maria

E foi seguindo a viela
que encontrei você, Maria...
Não fosse tão arredia,
não fosse assim quieta,
até compreenderia
a sua boca aberta,
a sua timidez úmida.

E foi seguindo o dia
que apreendi você, Maria ...
Em minhas calças abertas,
suas mãos buliam, vadias.
Por que você ria, Maria...
Por que você ria, Maria ...

E foi seguindo a arrelia.

Ninguém nos interrompia.
Na boca você eu mordia,
na boca você cuspia.
Não entendo você, Maria ...
Não entendo você, Maria ...

E foi seguindo a folia.
Na rua, o cordel seguia.
Só eu me surpreendia.
O gozo que escorria
de sua boca imensa,
de sua boca macia.
Case comigo, Maria....
Case comigo, Maria ...

E foi seguindo a orgia...
A noite já se esvaía.
De pé, já não me aguentava.
No corpo, uma brisa fria
e o suor se derramava.

E este sangue, Maria?
E este sangue, Maria?
E foi seguindo a alegria.
A imagem se dissipava.
No chão, já me estendia,
e Maria se derramava.
Você é virgem, Maria?
Será possível, Maria?

E foi seguindo a agonia.
Uma multidão imensa
de mim se aproximava.
Eu só queria Maria,
que de mim se apartava.
Vida vazia, Maria...
Fique comigo, Maria!
Fique comigo, Maria!

Enfim entendi a vadia
vida que se encerrava.

Maria não era donzela;
Maria nem sequer podia
dizer-se minha amada.
Maria não existia,
foi-se na madrugada.

Os ossos da baleia

A arte permite um legado sem tragédia

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 110 03/12/2013 16:40:47

I

Minha terra
é uma ilusão da linguagem.

Tenho de meu
esse rastilho de palavras
que pressinto
                atadas
aos calcanhares.
Se o desfaço, perde-se
o encantamento das vivências cerzidas.

Sei que as mãos ensaiam
    obscenidades entre dois espelhos.
Quero mesmo criar algumas
                reentrâncias
na estrutura dos olhares.
Mas olhos extraviados não ardem
no lugar-comum em que me perco...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 112 03/12/2013 16:40:47

II

Os espaços
se desdobram,
esticam-se oferecidos;
e vão se alinhavando,
precisos,
retocando
com lembranças
a reta da vida.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 114 03/12/2013 16:40:47

III

Dou conta de minhas cicatrizes;
e são bem humanas:
com cheiro
de menstruação e defunto.

Para os crentes,
desejo o reino dos Céus.
Para mim, a realidade.
Sou um desencontrado;
não me cabem subterfúgios.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 116 03/12/2013 16:40:47

IV

Com a língua percorro
as bordas adocicadas do infinito
(limão na taça com marguerita).

Diz o psicanalista:
É necessária a subjetivação da morte.
(Os antigos fechavam com açúcar a borda das feridas.)

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 118 03/12/2013 16:40:47

V

Se olho assim,
olhar meio cerrado,
é por ser minha
a culpa do peito rasgado.

Essa substância
que me escorre,
lambo-a entre os dedos,
e a distribuo,
posto que é farta.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 120 03/12/2013 16:40:47

VI

Para compartilhar a loucura,
há que se guardar
em segredo
a penúria dos instintos
que avassalam a alma.
Ela atordoa,
pois é inventiva demais...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 122 03/12/2013 16:40:47

VII

Na manhã do despertar do espírito,
assim, obsequioso,
fui entrando nas casas.
E todos desviaram de mim o olhar.

Surgi lento diante dos portais,
quando os primeiros raios oblíquos da manhã
não ousavam passar
do peitoril das janelas.

E a ausência de luz
no interior das moradas
fez maior o impacto
daquele que se anunciava.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 124 03/12/2013 16:40:47

VIII

Raios de sol escorriam-me pela face
onde já adormecera o orvalho
que trazia da madrugada.
De súbito, toda a luz se esfacelou.
Um olhar sem temor,
fez calar os poucos
que ensaiaram suas objeções
à minha presença,
assim, tão cedo,
e sem convite.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 126 03/12/2013 16:40:47

IX

A sobrevivência de certos espíritos
depende da discrição dos gestos.

Por ter deixado de acreditar
na cautela do silêncio,
fui derramando a língua
sobre os móveis da sala
onde os moradores
se mantinham sentados.

As palavras me enchiam a boca;
e, se as tentasse calar,
seria possível ver as protuberâncias
que a fala contida criava
ao serpentear em meu rosto.

Sentia-se o arrebatamento
do grito arremessado.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 128 03/12/2013 16:40:47

X

Dormir é distrair-se do mundo

Jorge Luiz Borges

— Onde não estive

custa-me adivinhar trevas.

A imprecisão do escuro

não reveste os meus sonhos.

Sou um companheiro da morte.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 130 03/12/2013 16:40:47

XI

— É necessário
não prescindir da loucura.
Ser, quem sabe,
um contrapeso à tensão da corda.
Quem estabelece o limite,
além de nós mesmos?
Se o absoluto sentido
foi encomendado nas véspera
da chegada do Verbo,
passou batido por minhas mãos
e espalhou-se ruidoso
pelos cantos do mundo.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 132 03/12/2013 16:40:48

XII

— Certa é a incerteza.
É a dúvida uma potência
guardada
a sete chaves.
E o que se pede
é a aniquilação
do momento,
da pungência
do instante,
do renascimento
a cada aurora.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 134 03/12/2013 16:40:48

XIII

— Resta um agora
diluído em cada desejo.

Nada basta
aos nômades
nas areias das praias.
(Estão sempre paranoicos
com a perseguição
do crepúsculo dominical.)

Alguns querem
ser crianças
para picotar os limites.
Outros
urgem
pelo calabouço.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 136 03/12/2013 16:40:48

XIV

Uns tinham o silêncio
como adorno —
sinal de impossibilidade
de aproximação.

Os outros
desmentiam tudo,
inclusive a malícia
da boca cerrada.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 138 03/12/2013 16:40:48

XV

As têmporas fervilham
na iminência do instante.

Todo calor disperso
coagulou, condensou,
no que se costuma
chamar alma.

(Um ar quente,
de paradoxal leveza,
pairava impenetrável
aos bons pensamentos.)

Nos dias quentes
certas ideias
são indissolúveis...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 140 03/12/2013 16:40:48

XVI

Olhos extraviados não ardem
no lugar-comum em que me perco...

Falei da irrelevância
relativa da existência.

(As sombras, somadas,
ocuparam todo lugar no espelho.)

Custou-me entender
que não se deve revirar
prateleiras alheias,
desmantelar espaços,
desarranjar a ordem estabelecida para a vida.

Mas também,
que besteira!...

Não se compartilha

o fundilho rasgado

para morder o rabo!

XVII

Para tudo existe um peso,
uma medida
e uma visão distorcida.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 144 03/12/2013 16:40:48

XVIII

Olhos extraviados não ardem
no lugar-comum em que me perco...

E veio a tempestade...

As nuvens escorrem na janela
arrastando a sombra cansada de meu corpo.

Distante dos seres obtusos,
com seus relógios na testa,
decidi partir com o rastejante
silêncio das últimas águas.

Logo estarei distante,
para não sentir
o impacto do adeus.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 146 03/12/2013 16:40:48

XIX

Meu punhal tem duas faces:

a que brota

e a que geme.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 148 03/12/2013 16:40:48

XX

Podia terminar assim —
recuado —
o eu dentro de mim.

Licenciosa...
a mosca verde
já contorna
o corpo fendido.

Nada se justifica
no corpo perdido.
Nem mesmo a morte.

Vejo minha terra
Com olhar de bumerangue.

Resolvi ficar!...
Descobri o propósito
dos cantos empoeirados.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 150 03/12/2013 16:40:48

XXI

Entre uma lufada e outra
do vento
os dias fizeram-se esquecer...
E o necessário descaso
entorpeceu
o ceifador de palavras.
O tempo mostrou-se
tolerante
com minha impaciência.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 152 03/12/2013 16:40:48

XXII

Não se ruminam os sonhos.

Eles se costuram

e crescem...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 154 03/12/2013 16:40:48

XXIII

Todas as tentações
deixadas no passado —
e insistiram em benzer
minhas cinzas com água benta.

Desconhecem que após a morte
não brotam incertezas.

Foi a última chance
de jogar meu corpo
no lugar-comum das dúvidas.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 156 03/12/2013 16:40:48

XXIV

Trago interrompidas
as melhores frases.

As paredes ignoram os versos de festim
esparramados no reboco.

Aguardam o amálgama do Sol
que, de tão alentado, não chega.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 158 03/12/2013 16:40:49

XXV

Eis a introdução
    não escrita.
Alijada da obra.

Pensá-la virou
um hábito de reinício;

pausa no entreposto
das suposições.

Passado?
Mas os tomates podres
são de um vermelho
    tão sincero...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 160 03/12/2013 16:40:49

XXVI

Dentre todos os vermelhos
com que deparo
em frente à vastidão
das janelas abertas,
permanece o vermelho liso
sobre o qual deslizo
por esse entardecer.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 162 03/12/2013 16:40:49

XXVII

Vou sair na noite
e me travestir de amenidades.

Desenhar na névoa
elefantes com trombas sonoras,
zebras com listras de estrelas,
casais gozando
em seus fuscas falantes,
de faróis de neblina,
iludindo o passeio dos guaiamus.

Sentarei à meia-distância
de lugar algum
e gritarei seu nome em vão.

E então amanhecerá,
e me despedirei da aurora.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 164 03/12/2013 16:40:49

Balada de um imortal

Envelhecemos mais que nosso rosto

Jorge Luis Borges

Para Gustavo Felicíssimo

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 166 03/12/2013 16:40:49

I

Números são símbolos
que nos arrastam.
Ditos em ordem
decrescente, assim,
subtraindo dias,
trazem a ideia
de proximidade do final;
            impõem
um sentido ao inevitável.

Mas
somos homens.
E, quando nos assalta
a torrente do tempo,
esses símbolos
frios e absolutos

transformam-se

em iluminuras

que ilustram nossos dias.

E os repisamos

com a memória.

II

Meu olhar ...

Não desperdiço com constelações.

Imprimo fetiches, fotocópias,

risco, rabisco e está feito.

Fuzilo com o olhar

o ensaio da fala.

Até disfarço, mas

nada amadurece no peito.

A vida são trechos

emendados mesmo!...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 170 03/12/2013 16:40:49

III

Acostumei-me
a olhar em torno
e a sentir um destemor
diante da sombra.
Mas agora é fato:
necessito redobrar meus cuidados;
mais amiúde,
meus olhos
tingem-se de névoa.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 172 03/12/2013 16:40:49

IV

Pensei ter escravizado meus desperdícios.
Mas extremos
também fazem parte
da estatística.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 174 03/12/2013 16:40:49

V

Sou uma rasura humana.
De uma estirpe frouxa,
sujeita a subsistir
à custa de elogios casuais.
Sou, de fato, um fracassado;
qualquer relevo
desdiz minhas convicções.
Todavia esse teu choro
não me diz nada.
Somente molham-me os pés
essa tua pena de não ser.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 176 03/12/2013 16:40:49

VI

De resto, me calo.

O que te aparenta

inútil

prescinde de explicação.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 178 03/12/2013 16:40:49

VII

(O ser triste crê
na parcialidade
da manhã.)

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 180 03/12/2013 16:40:49

VIII

Na sarjeta acomodam-se
os persistentes.
Velam por suas mortes.

Quanto a mim:
desperdicei o último centavo
na fonte da esperança.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 182 03/12/2013 16:40:49

IX

Ambição ...

Só esse tempo me falta.

O tempo para a solidão

vivida do amanhã.

Esse mesmo amanhã,

com cheiro de saudade,

que me roubou a cena de hoje.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 184 03/12/2013 16:40:49

X

O vento de fora

virou as páginas.

Era tudo mentira...

Rasgou-se

o regresso

na maçaneta da porta.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 186 03/12/2013 16:40:49

XI

O vento de fora
virou as páginas.
    O silêncio...
— Velho apaziguador
sinaleiro do sono...
Sinto o despertar
tímido das sombras
na casa adormecida.
É chegado o momento
da rendição do corpo
ao emaranhado
dos sonhos.
Folgo imaginando
a comoção da noite
diante da carne
abandonada ao ocaso...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 188 03/12/2013 16:40:49

XII

Os faróis distantes
mapeando o teto do quarto.

Apenas o dizer molhado
da calada das horas...

Anseio o não estar...

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 190 03/12/2013 16:40:49

XIII

Sonho... Matriz da realidade.
Este momento,
em que nos perdemos
na melodia,
em que nosso ritmo cardíaco
desacelera,
claudica;
em que nosso coração
fica terraplanando sobre o cotidiano,
é um momento de felicidade.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 192 03/12/2013 16:40:49

XIV

Dispo-me dos pés.
A liberdade essencial
  se aproxima...
Finalmente,
me chamarei:
                ninguém.

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 194 03/12/2013 16:40:49

Caríssimo poeta e amigo,

As características de sua poesia — versos curtos, conceptualistas, levemente herméticos — indicam, de imediato, que você está à vanguarda da nova poesia brasileira. Tenho lido algumas dezenas de jovens poetas com essas mesmas tendências e preocupações. Mas, além disso, fiquei feliz em verificar que você possui qualidades extras que o distinguem daquela legião, pois nunca se vale das enumerações gratuitas nem da vacuidade conceitual para fazer seus versos. Você consegue escrever com as suas emoções e experiências e não apenas com palavras desconexas. Dispondo escassamente agora de um "momento estanque" em que pude ler de um jato todos os seus poemas, achei que já podia emitir sobre eles esta mínima impressão muito pessoal, embora um tanto vaga, inexpressiva diante do que poderia dizer com mais tempo de leitura, mais poder de análise e outra disposição de espírito, diversa desta em que me ora encontro.

Confesso-lhe, desde já, que não amo os versos curtos, na verdade não consigo nem mesmo ler haicais, embora tenha

*no passado cultivado o laconismo verbal. Igualmente, tenho certa prevenção contra a poesia conceptualista, contra o verso filosófico, e desconfio de um certo hermetismo sem pistas decodificáveis. Apesar de todas essas minhas idiossincrasias, que apresso em revelar-lhe, não deduza daí que não apreciei os seus poemas, já que aparentemente eles foram estruturados em sua maior parte dentro desses indicadores. Na verdade, gostei, e muito, de vários deles. Um poema como Um pouco antes *, em que tudo é claro, em que o leitor fica sabendo perfeitamente (embora não da maneira habitual) tudo o que você quer ou quis dizer, é um exemplo de perfeita realização lírica. Aqui não há elementos supérfluos, e as frases se sucedem num encadeamento de superação verbal que, num movimento ascendente, vão alcançando um clímax perfeitamente mental, sem exageros, sem gritos falsos, nem gestos grandiloquentes. Finda a leitura (e mesmo ao longo dela), tem-se uma impressão de autenticidade, de desnudamento, de reconhecimento do estado da dependência ontológica em que se encontra o poeta, sem apelar para nenhuma autocomiseração (poço em que os poetas menos hábeis*

geralmente soçobram); há de repente um corte, um estremecer, uma reação, um apelo às armas, que manifesta um desejo de superação e apresenta a prova de que o poeta não se deixará imbuir por falsas esperanças.

Eu gostaria de prosseguir, de analisar outros poemas do livro que também me encantaram, mas estou velho, as frases me saem arrastadas como se as letras tivessem perdido seus gumes.

Por favor, perdoe-me se lhe mando apenas esta pequena análise que vale, no entanto, para todo o livro.

E aceite o abraço agradecido de seu leitor,

Ivo Barroso

**Nota do autor: Poema publicado no livro Rascunhos do absurdo*

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 198 03/12/2013 16:40:49

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 199 03/12/2013 16:40:49

os_ossos_da_baleia_miolo.indd 200 03/12/2013 16:40:49

Foto: Arquivo Autor

* JORGE ELIAS NETO é médico, pesquisador e poeta. Capixaba, reside em Vitória/ES. São de sua autoria os livros: ***Verdes Versos*** (Flor&cultura Ed. – 2007), ***Rascunhos do absurdo*** (Flor&cultura Ed. – 2010), ***Glacial*** e ***Breve dicionário poético do boxe*** (inéditos). Integrou as publicações ***Antologia poética Virtualismo*** (2005), ***Antologia literária cidade*** (L&A Editora – 2010), ***Antologia Cidade de Vitória*** (Academia Espirito-Santense de Letras – 2010 e 2011) e ***Antologia Encontro Pontual*** (Editora Scortecci – 2010). Publica regularmente nas revistas eletrônicas: ***Portal Cronópios de Literatura***, ***Diversos afins***, ***Poesia diversa***, ***Mallarmargens*** e ***Estação Capixaba***.

Blog: jeliasneto.blogspot.com.

9 788564 423237

Vou sair na noite
e me travestir de amenidades.

Desenhar na névoa
elefantes com trombas sonoras,
zebras com listras de estrelas,
casais gozando
em seus fuscas falantes,
de faróis de neblina,
iludindo o passeio dos guaiamus.

Sentarei à meia-distância
de lugar algum
e gritarei seu nome em vão.

E então amanhecerá,
e me despedirei da aurora.
....

APOIO CULTURAL

INSTITUTO SINCADES
INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL

REALIZAÇÃO

BPES

SECRETARIA DA CULTURA
GOVERNO DO ESPIRITO SANTO
CRESCER É COM A GENTE

JORGE ELIAS NETO

OS OSSOS DA BALEIA